

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUCAS WAZLAWICK DO CARMO

BALSEIROS DO RIO URUGUAI:
UMA ANÁLISE DO COTIDIANO E ALIMENTAÇÃO NAS FOTOGRAFIAS

CHAPECÓ, SC

2023

LUCAS WAZLAWICK DO CARMO

**BALSEIROS DO RIO URUGUAI:
UMA ANÁLISE DO COTIDIANO E ALIMENTAÇÃO NAS FOTOGRAFIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em História na Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Profº Antônio Luiz Miranda

CHAPECÓ, SC

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Lucas Wazlawick do Carmo
BALSEIROS DO RIO URUGUAI: UMA ANÁLISE DO COTIDIANO E
ALIMENTAÇÃO NAS FOTOGRAFIAS / Lucas Wazlawick do Carmo .
-- 2023.
35 f.:il.

Orientador: Doutor Antônio Luiz Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Balseiros do Rio Uruguai. 2. História da
Alimentação. 3. Cotidiano. 4. Oeste Catarinense. I.
Miranda, Antônio Luiz, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCAS WAZLAWICK DO CARMO

**BALSEIROS DO RIO URUGUAI:
UMA ANÁLISE DO COTIDIANO E ALIMENTAÇÃO NAS FOTOGRAFIAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciado em História.**

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13/07/2023

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda
Orientador


Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino

 **Avaliador**
Documento assinado digitalmente
DELMIR JOSE VALENTINI
Data: 23/03/2024 15:31:17-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>
Prof. Dr. Delmir José Valentini

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, minha mãe Vera, meu pai Luiz e minha irmã Luana, que me apoiou nessa louca jornada, onde vim para um lugar desconhecido, lugar que só sabia o nome, eles que me fizeram ter forças e vontade de chegar até esse momento. Chegar até aqui não foi fácil, mas sem vocês isso seria impossível.

Durante essa jornada eu encontrei uma pessoa incrível e maravilhosa, que me deu um suporte e motivação e tornou as coisas um pouco mais fáceis, sim, agradeço a Gabrieli por ter participado da minha formação enquanto graduando e enquanto pessoa. Junto também vieram a Frida e a Eevee que foram dois seres que escolhi para me acompanhar nesse momento, onde elas estiveram comigo nos melhores e piores momentos.

A todos amigos, conhecidos que me ajudaram e me acompanharam, mesmo que alguns de passagem, outros continuam na minha vida, muitos me ouviram e fizeram parte deste momento de escrita em especial gostaria de agradecer ao Gustavo, ao Gabriel, Jocelaine, Santiago, Juan, Gabrieli, vocês tornaram isso um pouco mais fácil.

Gostaria de agradecer ao Antonio Miranda, que aceitou me orientar nessa pesquisa, aos professores Jaisson e Delmir por fazerem parte da banca. Ao CEOM e ao Museu do Balseiro de Itá pela colaboração nesta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Bacia hidrográfica do Rio Uruguai.....	12
Figura 02 - Descida de balsa em uma das curvas do Rio Uruguai.....	18
Figura 03 - Tronco de árvore com serrote (lado direito da imagem).....	19
Figura 04 - Montagem das balsas.....	20
Figura 05 - Balsa com duas cabanas.....	22
Figura 06 - Balsa com uma cabana.....	23
Figura 07 - Balsa com cabana no Rio Uruguai.....	26
Figura 08 - Espaço compartilhado entre os balseiros na viagem.....	27
Figura 09 - Balseiros posam para foto antes da viagem.....	28
Figura 10 - Maquete da cozinha balseira.....	30

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEOM - Centro de Memória do Oeste Catarinense

Unochapecó - Universidade Comunitária da Região de Chapecó

FOM - Floresta Ombrófila Mista

FED - Floresta Estacional Decidual

RESUMO

Para compreender o cotidiano dos balseiros, é preciso primeiramente compreender o processo de povoamento e colonização da região do Oeste Catarinense, que teve seu desenvolvimento intrínseco à devastação da mata nativa por empresas madeireiras no século XX. Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo principal investigar o cotidiano e os hábitos alimentares dos balseiros do Rio Uruguai, durante as viagens de balsa, realizando, primeiramente, um panorama geral sobre a História do Oeste Catarinense e sua colonização, e depois analisando fotografias de viagens para compreender melhor sobre o cotidiano dos trabalhadores nas balsas, bem como seus hábitos alimentares. Para isso, uma análise de fotografias disponibilizadas em centros de memória, como o Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM), e o Museu do Balseiro de Itá, foi realizada. As análises foram feitas a partir da perspectiva da História do Cotidiano e da análise de fotografias, amparada em um referencial teórico, contando com a bibliografia de autores que trabalham história do cotidiano, fotografia e colonização do oeste catarinense, como Agnes Heller, Boris Kossoy e Eli Bellani, respectivamente. Desta forma, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para futuros estudos sobre o tema da história do cotidiano dos balseiros.

Palavras-chave: Balseiros do Rio Uruguai; História da Alimentação; Cotidiano; Oeste Catarinense.

ABSTRACT

To understand the daily life of the barge workers, it is necessary to first understand the process of settlement and colonization of the West of Santa Catarina region, which was intrinsically linked to the deforestation caused by timber companies in the 20th century. Therefore, the main objective of this research is to investigate the daily life and eating habits of the barge workers on the Uruguay River during their barge journeys. The research begins with a general overview of the history of the West of Santa Catarina and its colonization, followed by an analysis of photographs from the trips to gain a better understanding of the workers' daily routines and eating habits. For this purpose, an analysis of photographs available in memory centers such as the Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM) and the Museu do Balseiros de Itá will be conducted. The analysis will be approached from the perspective of the History of Everyday Life and the analysis of photographs, supported by a theoretical framework, drawing on the bibliography of authors who study the history of everyday life, photography, and the colonization of the West of Santa Catarina, such as Agnes Heller, Boris Kossoy, and Eli Bellani, respectively. In this way, it is expected that this research can contribute to future studies on the history of everyday life of the barge workers.

Keywords: Uruguay River Barge Workers; History of Food; Everyday Life; West of Santa Catarina.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE.....	15
2.1 A ECONOMIA MADEIREIRA	17
2.2 BALSAS E BALSEIRO.....	20
3. A RELAÇÃO HISTÓRIA E FOTOGRAFIA.....	24
3.1 O COTIDIANO NAS BALSAS.....	25
3.2 A ALIMENTAÇÃO NAS BALSAS.....	29
4. CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Durante um longo período de disputa, o território que atualmente pertence à região oeste de Santa Catarina foi objeto de controvérsia, sendo alvo de conflitos entre Brasil e Argentina na conhecida Questão de Palmas ou Misiones, bem como de disputas internas entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Foi somente no ano de 1917, com a definição dos limites territoriais, que novos municípios foram estabelecidos, consolidando a demarcação territorial. Após a criação do município de Chapecó, uma estratégia adotada pelo governo foi incentivar a migração para a região, visando assegurar a legitimidade de posse sobre o território. Nesse contexto, o governo estadual concedeu terras devolutas às companhias colonizadoras, que assumiram a responsabilidade de parcelar essas terras em lotes, destinados à venda para colonos interessados.

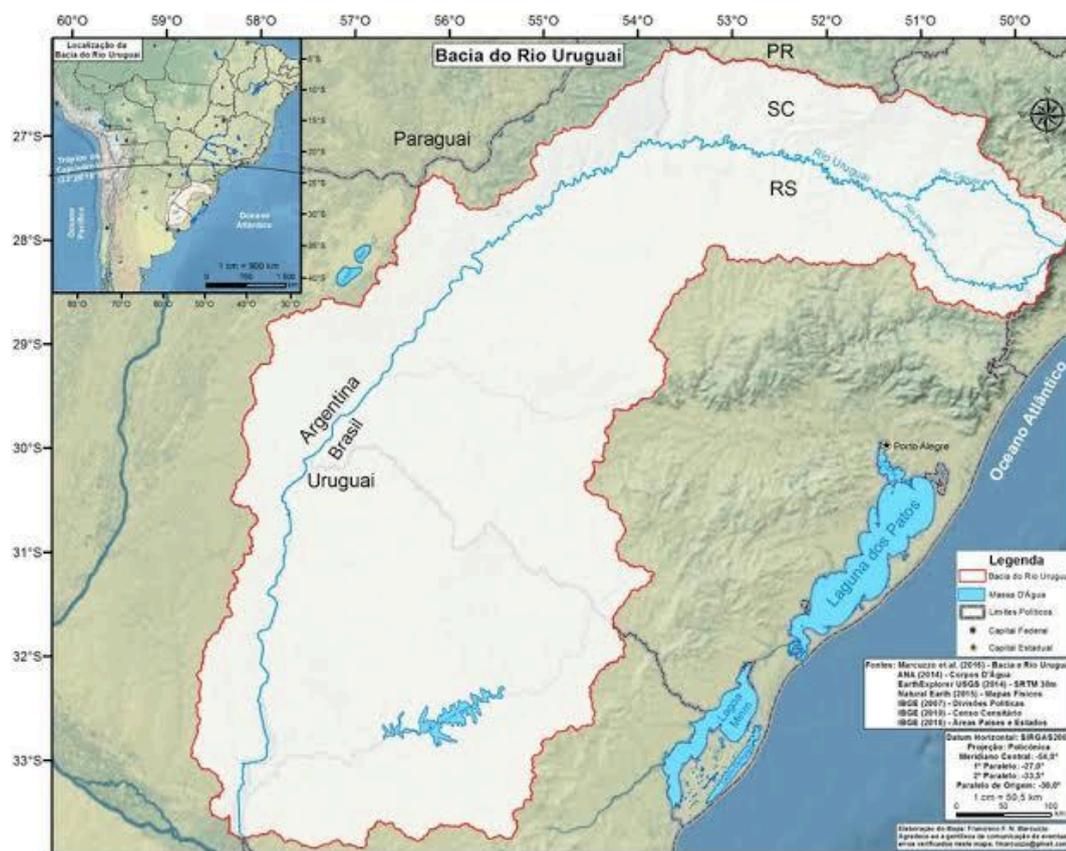
Essa abordagem permitiu a organização e a ocupação ordenada do território, ao passo que fornecia uma oportunidade aos imigrantes de adquirir suas próprias parcelas de terra. Ao dividir as terras em lotes, as companhias colonizadoras facilitaram o processo de distribuição e comercialização, criando condições favoráveis para a instalação de colonos e o estabelecimento de suas atividades agrícolas e de desenvolvimento econômico na região. Essa iniciativa governamental impulsionou significativamente a migração para Chapecó e contribuiu para o crescimento e consolidação do município.

Durante a primeira metade do século XX, a colonização da região Oeste de Santa Catarina resultou em um aumento significativo do desmatamento devido à instalação de serrarias e madeireiras. Antes desse processo, a região era predominantemente coberta por duas formações vegetais do Bioma da Mata Atlântica: a Floresta Ombrófila Mista (FOM) e a Floresta Estacional Decidual (FED). No entanto, com o início da colonização, ambas as florestas sofreram uma redução substancial, ou seja, a devastação observada na Floresta Ombrófila Mista e na Floresta Estacional Decidual está diretamente relacionada ao aumento da intervenção humana na paisagem durante o processo de colonização.

A temática que trabalha a alimentação dos balseiros ainda é pouco abordada na historiografia de Santa Catarina, sendo trabalhada brevemente, não tendo muitos trabalhos que tragam o processo de se alimentar e o cotidiano dos balseiros, sendo esse um dos motivos para se trabalhar o tema visando assim contribuir para futuras discussões sobre o tema.

A extração da madeira na Região do Oeste de Santa Catarina entre as décadas de 1920 a 1960 foi uma das principais atividades econômicas da região na primeira metade do século XX, tendo o trabalho dos balseiros um papel fundamental na transformação socioeconômica e ambiental da região. Diante destas transformações se criou uma cultura do balseiro, que transformou o cotidiano deste povo que trabalhava na derrubada de árvores, na montagem das balsas e na longa viagem do Brasil até a Argentina. O ciclo da exportação de madeira consistia na partida do Brasil, pelas águas do Rio Uruguai (Figura 01), era uma viagem demorada, e tendo em vista que uma das principais necessidades humanas é a alimentação, os balseiros desenvolveram sua própria cultura alimentar durante essas viagens.

Figura 01 - Bacia hidrográfica do Rio Uruguai



Fonte: Reprodução/Escola Educação¹

Compreender o cotidiano de um grupo de trabalhadores através de fotografias é tentar ilustrar o passado e a história anteriormente escrita, é adentrar a

¹ Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/bacia-do-rio-uruguai-mapa-principais-rios-e-dados/>. Acesso em 30 jun. 2023

intimidade daqueles trabalhadores que decidiram e se arriscaram em viagens para o transporte da madeira, assim firmando a economia regional em torno da mesma.

O propósito fundamental deste trabalho consiste em estudar o cotidiano e a presença da alimentação em fotografias a alimentação dos balseiros, sendo assim o cotidiano passa por um processo de adaptação diante do dias que a viagem em cima das balsas leva, sendo que o cotidiano se altera em três: sendo eles os dias que antecedem a viagem, os dias durante a viagem e o retorno até as suas casas, diante destes dias a alimentação para a viagem é algo fundamental de ser pensado, e com a análise fotográfica podemos compreender a forma de se alimentar. Vários pontos podem ser destacados, seus dias em cima da balsa devem ser pensados com cozinhas improvisadas, a chegada ao ponto de venda da madeira e o retorno para suas casas, o armazenamento de alimentos e a sua seleção de alimentos. Por esse motivo é necessário realizar um referencial bibliográfico para entender qual a participação destes balseiros no processo de colonização, como a madeira se torna um grande produto no processo econômico e quem foram os balseiros, para assim chegar no seu cotidiano e em sua alimentação.

Tendo como objetivo realizar um resgate da memória que existe do cotidiano do balseiro, principalmente voltado para a alimentação, conforto e culinária balseira, assim abordando uma análise historiográfica e o cotidiano nas balsas e com o processo de industrialização que ocorria no Brasil também transformou a forma de trabalhar dos balseiros.

A fotografia possibilita que para além das fontes orais e material teórico, possa ser analisado e compreendido de diferentes formas, tendo um olhar ilustrado sobre aquilo que se dedica a estudar e pesquisar, assim como Boris Kossoy afirma sobre as possibilidade de investigação de uma fotografia:

“As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração dos seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou.” (p. 32)

Assim, podendo criar estratégias para trabalhar a teoria já existente sobre o conteúdo e utilizando a fotografia para aprofundar as relações possíveis para a pesquisa.

Nesse sentido, o presente trabalho será dividido em dois capítulos, no primeiro, a partir de leituras de trabalhos que abordem a História de Santa Catarina

e o tema, será abordado os aspectos históricos de como se deu o processo de colonização da região do Oeste de Santa Catarina, junto com a madeira sendo um dos principais fatores econômicos da região junto as madeiras que trabalham no processo de extração da madeira até a viagem, que se dava nas mãos dos balseiros, esses que utilizavam destas viagens para complementar renda, alguns utilizavam como forma de investimento e outros para sua própria vontade, como bebidas e mulheres².

Como as viagens antes mesmo de subir nas balsas e ir em direção a Argentina, todo o ciclo da viagem era pensado com antecedência, uma vez que se dependia de diversos fatores para ocorrer a viagem, o principal era que o rio estivesse cheio. Diante de todos os fatores, temos o corte da madeira, a amarração das balsas, a construção de dois espaços sendo um deles a cozinha, o abastecimento da balsa pelo empresário, que não viajava junto com as balsas, era o responsável pela comercialização da madeira, e era a classe trabalhadora dos balseiros que ficava a responsabilidade de descer as balsas pelos rios até o seu destino final.

Com a necessidade de se alimentar que o segundo capítulo vai abordar, com o auxílio de fotografias e entrevistas principalmente dos acervos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) e do Museu do Balseiro em Itá a relação da alimentação no cotidiano da viagens, como uma viagem pensada, a alimentação também era um fator a ser pensado, diante disso existia o cozinheiro da balsa, sua cozinha e uma alimentação que desce substância de alguma forma pudesse estar relacionada ao conforto para os dias de viagens. Outrossim, o estudo também buscará entender se o processo de industrialização que ocorria no Brasil no século XX interferiu na cultura alimentar dos balseiros.

Referências bibliográficas de autores brasileiros auxiliaram na construção do primeiro capítulo, já que o mesmo se deu de revisão bibliográfica e para o segundo capítulo foram analisados em sua maioria fotografias e entrevistas com balseiros, ainda utilizou-se de bibliografias sobre a alimentação e o cotidiano. Os acervos e arquivos que foram utilizados para acessar as iconografias e as fontes orais foram o CEOM e o Museu Recanto do Balseiro em Itá/SC.

² WOLOSZYN, N. **Fazendo História Regional: Economia, espaço e sociedade**. Ed. Méritos: Passo Fundo, RS, 2010.

2. O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO OESTE CATARINENSE

A região oeste do estado de Santa Catarina, assim como grande parte do sul do Brasil, foi colonizada pelos europeus a partir do século XIX. O processo de colonização da região teve como principal objetivo a exploração econômica da terra, principalmente por meio da agricultura. O processo de colonização precisa ser pensado como um confronto cultural entre os imigrantes europeus e os caboclos, diante da sua visão dos meios de produção, como a Noeli Woloszyn, em seu capítulo no livro “Fazendo História Regional” coloca que “o confronto cultural entre os caboclos e os ‘novos colonos’ foi inevitável, já que os primeiros praticavam economia de subsistência, distante da visão europeia mercantilista” (p. 153). Assim, visões diferentes de economia, com essa visão que a madeira se torna o principal produto econômico da região.

Falar sobre o processo de colonização no Oeste catarinense é realmente algo complicado, uma vez que as maiores referências que temos é a voltada para a colonização de imigrantes europeus, principalmente italiana e alemã. A cultura europeia é muito forte nessa região, onde ainda nos dias atuais essa cultura ainda é muito forte e presente no nosso cotidiano, com festas, comidas, língua, entre outras.

Além de compreender a ideia tradicional de colonização europeia, é crucial realizar uma reflexão aprofundada sobre a colonização da região oeste de Santa Catarina, abandonando a concepção equivocada de que havia um vazio demográfico. Antes da chegada dos colonos, a região já era habitada por povos indígenas e caboclos³. É essencial reconhecer que os territórios ocupados pelos colonizadores eram originalmente habitados pelos índios Kaingang e Xokleng. Infelizmente, essas comunidades indígenas foram expulsas de suas terras ou escravizadas pelos colonizadores europeus. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar a presença e a cultura dos povos indígenas e caboclos na região oeste de Santa Catarina antes e durante o processo de colonização.

Com a chegada cada vez maior de imigrantes nos portos do país, a vinda de imigrantes europeus era vista com bons olhos pelo governo brasileiro, colocando esses europeus em no topo de uma pirâmide de evolução, como o Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, o Pedro de Toledo em relatório no ano de 1910 aponta, “A imigração e colonização são elementos principais e indispensáveis ao

³LINO, Jaisson Teixeira. **O povoamento indígena no Sul do Brasil**: as contribuições da arqueologia e da história. História da Fronteira Sul. Letra & Vida, Porto Alegre, p. 92-108, 2015.

progresso das nações novas, tendo merecido de minha parte excepcionais cuidados”⁴.

Com o fim da Guerra do Contestado a colonização da região do Oeste ficou na mão das companhias colonizadoras, que entre elas, Entre as companhias pioneiras se destacam a Empresa Chapecó-Peperi Limitada, sediada na cidade de Carazinho, formada por um grupo de alemães que colonizou a região que hoje compreende a Mondaí; a Empresa Colonizadora Bertaso, Maia e Cia, mais tarde conhecida como Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso, tendo sua primeira sede em Passo Fundo e depois transferindo-a para Chapecó, que colonizou a sede do município e seus arredores; a Empresa Colonizadora Luce, Rosa e Cia, também sediada no Rio Grande do Sul, que colonizou a região que hoje compreende Concórdia e Joaçaba; a Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense Limitada, mais tarde conhecida como Companhia Territorial Sul Brasil, também da cidade de Carazinho, que colonizou a porção mais oeste do território; posso citar também, algumas criadas posteriormente, como a Empresa Irmãos Lunardi, Angelo di Carli, Irmão e Cia, dentre outras, que foram sendo criadas conforme se intensificava o fluxo migratório⁵.

A partir da década de 1920, o governo brasileiro incentivou uma política de colonização, oferecendo terras a preços acessíveis para imigrantes europeus. A maioria dos colonos que se estabeleceram na região oeste de Santa Catarina eram de origem italiana e alemã, seguidos por poloneses, russos e ucranianos. Os imigrantes se estabeleceram principalmente em pequenas propriedades rurais, onde cultivavam trigo, milho, feijão, fumo e outras culturas agrícolas. Durante a colonização do Oeste Catarinense, o ciclo da madeira foi um dos principais motores da economia da região. A região se destacou com a criação de serrarias e o desenvolvimento de técnicas de exploração de pinus e eucaliptos.

De acordo com Moretto (2017), a primeira metade do século XX foi marcada pela extração de madeira e pela instalação de madeireiras na região. A exploração da madeira teve início na década de 1920, quando começaram a surgir as primeiras empresas madeireiras na região. Inicialmente, os primeiros exploradores da madeira

⁴ BRASIL. **Relatório do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio de 1911**: XXVI. Disponível em BGDDP/www.brazil.crl.edu/bsd/bsd. Acesso em 25 mai. 2023.

⁵ NODARI, Eunice Sueli. Persuadir Para Migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços**: revista do programa de pós-graduação em História da UFSC. Florianópolis. v.10. n. 10. p. 29-51. 2002. p. 35. 29 Ibidem, p. 37.

na região eram, em sua maioria, os imigrantes europeus que haviam chegado à região com os incentivos oferecidos pelo governo, como já exposto anteriormente. Estes pioneiros utilizavam técnicas rudimentares para extrair a madeira das matas, como o uso de machados e serras manuais.

Com o tempo, a atividade madeireira foi se profissionalizando e modernizando, com a introdução de novas tecnologias, como o uso de serrarias mecânicas e tratores para o transporte da madeira. Além disso, surgiram novas empresas madeireiras na região, que passaram a competir pela exploração das matas, como destaca Eli Bellani:

“As diversas Companhias de; Colonização que chegaram para dar o novo impulso de desenvolvimento à região e que receberam, por parte do Governo Catarinense, apoio e incentivo, passaram a atuar na mesma» Elas foram as grandes responsáveis pelo desencadear efetivo do processo de colonização, aliado à produção e à comercialização da madeira.” (p. 74).

Sendo as companhias colonizadoras responsáveis por toda economia que envolveu a madeira, fazendo desse recurso uma forma lucrativa.

2.1 A ECONOMIA MADEIREIRA

A exploração da madeira teve um impacto significativo no meio ambiente da região, com a devastação de extensas áreas de mata nativa. Além disso, a atividade madeireira também contribuiu para o surgimento de novos povoados e cidades na região, que se desenvolveram em torno das empresas madeireiras.

A madeira durante os anos de 1930 à 1950 se tornou a atividade comercial mais lucrativa da região, mas não era a única, talvez existia o cultivo de feijão, milho, arroz e trigo, esses que serviam para abastecimento local e de regiões distantes, a produção de suínos também possuía destaque, surgindo assim os primeiros abatedouros.⁶

Diante da importância da madeira na economia catarinense na década de 30 foi o principal produto de exportação do estado, sendo que a maior parte “era destinada ao mercado argentino e uruguaio, transportada por meio do rio Uruguai, em forma de balsas, durante o período de cheias” (GOULARTI FILHO, 2002 p. 91), balsas essas que podem ser observadas na Figura 02:

Figura 02 - Descida de balsa em uma das curvas do Rio Uruguai

⁶ WOLOSZYN, N. **Fazendo História Regional: Economia, espaço e sociedade**. Ed. Méritos: Passo Fundo, RS, 2010.



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó.

Assim, podendo utilizar da fertilidade do solo, para que se atraísse empresas, favorecendo cada vez mais o comercio em cima desse recurso, assim como Eli Bellani coloca que as imensas florestas atraem colonizadores para essa região:

“O povoamento da região oestina e a consequente colonização aconteceram em quase sua totalidade , em razão da fertilidade de seu solo, próprio para o desenvolvimento de determinadas culturas e a existência de uma imensa floresta, Esses dois fatores serviram grandemente como propaganda que as Companhias Colonizadoras aproveitaram para atrair os fluxos migratórios de agricultores, provenientes do Rio Grande do Sul.” (p. 91).

A derrubada de árvores era um trabalho braçal e árduo, em que se exigia muito da força física dos homens, sendo utilizados serrotes e martelos, demonstrado na Figura 03:

Figura 03 - Tronco de árvore com serrote (lado direito da imagem)



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Como Eli Bellani (1991) pontua:

“Geralmente, de 5 a 10 homens realizavam essa tarefa, dependendo das circunstâncias. As condições ideais de trabalho não existiam. A execução do mesmo dependia de uma série de fatores, entre o u t r o s , no inverno e com chuvas, o esforço era mais que redobrado. Mesmo com tempo normal, pouco ou quase nada amainava os perigos que enfrentavam. Um pequeno e improvisado acampamento perto do local da derrubada, servia apenas para uma precária proteção, quando as fortes chuvas os surpreendiam ou ainda para descanso por algumas horas.” (p. 107).

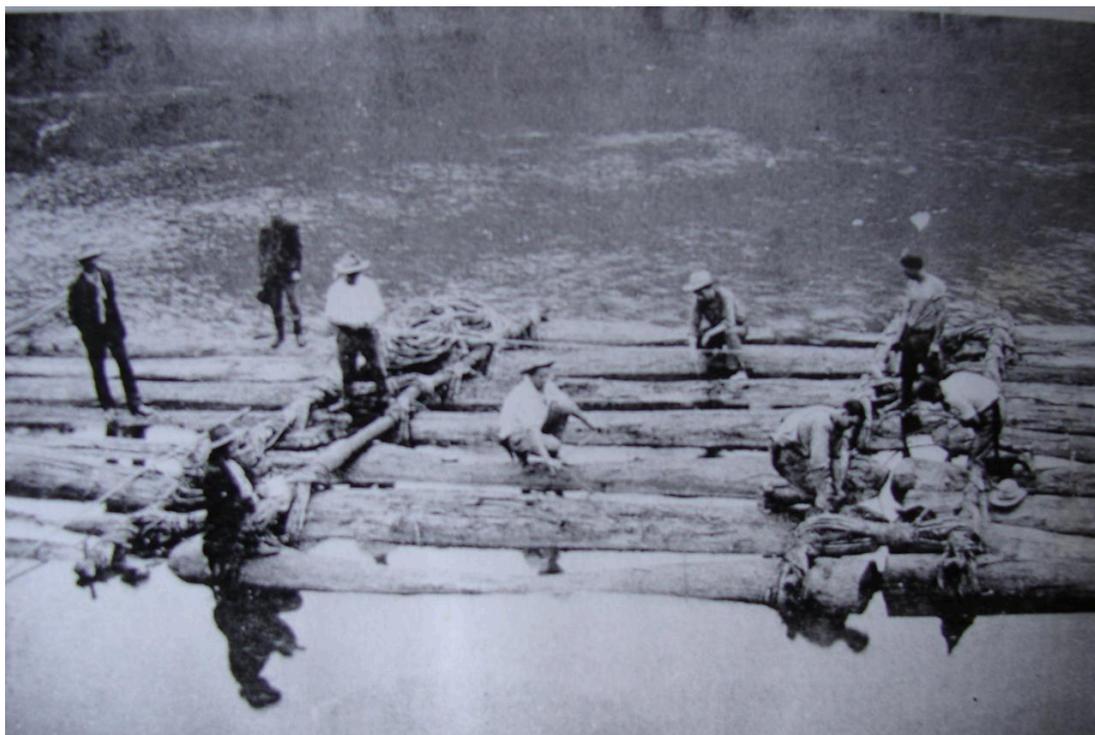
Sendo esses homens, obrigados a trabalhar em sub-empregos, oferecidos por aqueles que mais lucravam com toda produção, empresários, proprietários de serrarias e alguns de forma particular.

Com todos os processos que envolvem a madeira, sendo que a opção por matas para extração da madeira, as serrarias junto a empresários que negociam a venda e contratação de homens para derrubar as árvores, partimos para a organização das balsas que partiriam pelo rio Uruguai.

2.2 BALSAS E BALSEIRO

A madeira após a sua extração era conduzida para o espaço de montagem, sendo que na falta de meios de transporte, o meio fluvial era o único utilizado para comercialização das madeiras por meio das balsas, que utilizavam do rio Uruguai para flutuar até os países platinos. Foram utilizados dois tipos de balsas para o transporte da madeira: de roliços e de tábuas ou remorques (BELLANI, p. 212), como pode-se observar na Figura 04:

Figura 04 - Montagem das balsas



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

Os balseiros do Rio Uruguai foram trabalhadores que atuavam no transporte de madeira, mantimentos e outros produtos em balsas pelo Rio Uruguai, que corta o estado de Santa Catarina. Esse trabalho teve grande importância econômica para a região durante o século XX, especialmente nas décadas de 1940 a 1970. Os balseiros utilizavam técnicas tradicionais para construir as balsas, que eram feitas a partir de toras de madeira amarradas umas às outras e equipadas com motores a diesel. Essas balsas eram usadas para transportar madeira, carvão, gado, alimentos e outras mercadorias entre as cidades ao longo do rio.

O trabalho dos balseiros era muito difícil e perigoso, uma vez que as balsas enfrentavam correntezas fortes, quedas d'água, rochas e outros obstáculos no rio.

Além disso, os balseiros eram frequentemente alvo de assaltos e roubos, uma vez que as balsas transportavam grandes quantidades de produtos valiosos.

Os homens passavam cerca de um mês em uma estrutura de madeira e cipó, deixando suas famílias para trás, com a esperança de lucrar com a venda da madeira e investir o dinheiro em suas próprias terras. Tinham diferentes funções: o cozinheiro cuidava da comida dos homens, que variavam de 20 a 30, dependendo do tamanho da balsa; o prático, um peão experiente, remava e indicava a direção e os desvios de ilhas e remansos a serem feitos; e, por fim, os peões braçais montavam e controlavam a balsa. A descida pelo rio era raramente interrompida, com algumas paradas para descanso ou quando outra balsa estava no local. Ao chegar à Argentina, o patrão já tinha um comprador, geralmente o mesmo das descidas anteriores, que recebia a madeira e pagava em moeda brasileira. Com o dinheiro em mãos, o patrão pagava os balseiros e eles retornavam para casa por conta própria.

No entanto, apesar das dificuldades, os balseiros desenvolveram um forte senso de camaradagem e espírito comunitário, e criaram uma cultura própria, com músicas, danças e festas típicas. Com o tempo, a atividade dos balseiros foi diminuindo, devido à concorrência com outros meios de transporte, como caminhões e barcos a motor, e à falta de madeira disponível para transporte. Hoje em dia, poucos balseiros ainda atuam na região, mas sua memória e legado ainda são lembrados e celebrados por muitos.

Quando havia cheia do rio para que a viagem acontecesse, os balseiros celebravam. Um trecho da cantiga popular de Barbosa Leite demonstra muito bem isso, falando inclusive sobre os tipos de madeira que eram transportadas geralmente (grifo do autor):

“Oba viva, veio a enchente
O Uruguai transbordou
Vai dar serviço pra gente.
Vou soltar minha balsa no rio
Vou rever maravilhas que ninguém descobriu.
(...) Amanhã eu vou m'embora
pros rumo de Uruguaiana
vou levando na minha balsa
cedro, angico e canjerana.”⁷

⁷ Barbosa Leite (letra e música) *in* Bellani (2006)

Enquanto trabalhadores e classe trabalhadora, os balseiros eram prestadores de serviços de transporte, e assim foram durante todo o período em que a madeira era transportada para a Argentina por meio do sistema de balsas, na região oeste do Brasil, enfrentando desafios diários para garantir que a madeira fosse entregue com segurança e eficiência.

A classe dos balseiros pode ser dividida em duas categorias: balseiro-prático e balseiro-peão. O balseiro-prático, que já possui experiência e conhecimento do rio, recebia melhor remuneração. Eles trabalhavam principalmente para uma única empresa madeireira, embora a quantidade de balseiros efetivamente empregados por uma empresa fosse mínima. Muitos deles prestavam serviços sem contratos formais. Por outro lado, o balseiro-peão era atraído pelas oportunidades de emprego e se mudava para viver próximo aos portos de embarque de madeira. Geralmente, eram selecionados pelos balseiros-práticos mais experientes, que já os conheciam. (BELLANI, 1991).

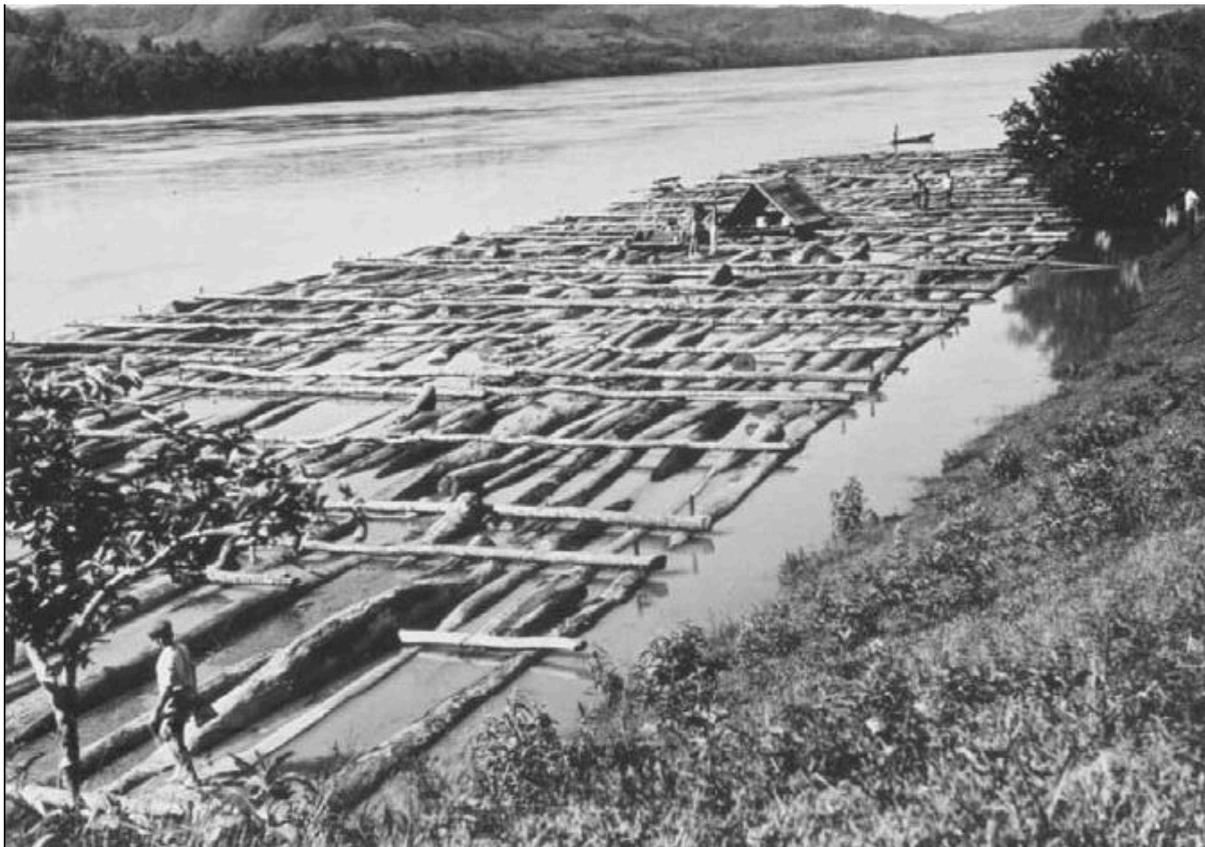
Outrossim, as balsas tinham padrões diferentes, já que nem todas elas tinham duas cabanas, algumas tinham somente uma, conforme pode-se observar nas Figuras 05 e 06:

Figura 05 - Balsa com duas cabanas



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

Figura 06 - Balsa com uma cabana



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó.

3. A RELAÇÃO HISTÓRIA E FOTOGRAFIA

A utilização de fontes sempre se fez presente para reconstruir o passado, com a falta de documentos escritos, as formas de se pesquisar não poderiam parar, para isso se renovar a forma de ver o homem no passado se fez necessário. Dessa forma, a fotografia consegue suprir uma necessidade de se estudar, de forma visual o passado, como o Sônego (2010) aponta que devemos estar atentos às formas de produção destas fotografias e a quem elas alcançam, desta forma deixando de ser uma simples ilustração:

“Um estudo crítico e reflexivo sobre as fotografias deve se preocupar em situar os interesses que direcionaram a produção, circulação e recepção destas imagens e em desvendar o significado que emerge da narrativa visual. A fotografia deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa para assumir o status de documento, matéria-prima fundamental na produção do conhecimento sobre determinados períodos da História, acontecimentos e grupos sociais.”

A fotografia está diretamente ligada ao nosso cotidiano atual, a facilidade e a praticidade de produzir aquilo que se quer mostrar, para quem quer mostrar, é impossível se pensar em atualidade sem se pensar em registrar momentos, guardar lembranças que muitas vezes acabam esquecidas em celulares, cartões de memórias, entre tantas formas de se armazenar. Porém nem sempre foi assim, a fotografia nem sempre esteve ao alcance de todos, quem tinha acesso era quem podia arcar com equipamentos ou contratar fotógrafos, podendo desta forma produzir aquilo que se queria mostrar, aquilo que queria ilustrar, assim um olhar imparcial se faz necessário na hora de analisar.

A forma que se produziu muitas vezes a fotografia no passado, foi pensada e montada ao seu critério, para poder analisar essa fotografia se faz necessário deixar de lado todo o preconceito e toda sua ideologia, analisando de forma fiel aquilo que está sendo exposto naquela fotografia. Para Mauad (2004), a fotografia como fonte histórica passa a se tornar uma nova demanda, sendo assim a autora trabalha traz dois casos sobre a fotografia, no primeiro a fotografia sendo uma materialidade do passado, onde, pessoas, objetos, lugares, tem o papel informativo de aspectos do passado, podendo ser percebido condições de vida, condições de trabalho, entre outros. No segundo caso, podemos perceber a fotografia como monumento, já que todo documento é monumento, e a fotografia ela conforma uma determinada visão

de mundo, sendo que ela se torna por alguma sociedade a única imagem que fica perenizada para o futuro.

Para poder fazer uma análise da fotografia se faz necessário se entender aquele momento e espaço que se pretende estudar, pois uma não compreensão pode resultar em erros e equívocos, como Sontag (1986, p. 30), "(...) Aqui está à superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência", fazendo um convite para que se desvende aquilo que se propõe.

A fotografia nem sempre é um registro fiel à verdade histórica, porém é indissociável a relação documento/representação, levando em conta sempre o processo de construção da fotografia, diante das múltiplas formas de interpretação Kossoy (2002) coloca: "A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações" (p. 38). Por mais que a fotografia seja um documento criado e construído, e as inúmeras interpretações estejam presente, fugir daquilo que a imagem quer passar acaba se tornando um grande erro.

Quando falamos da interpretação das fotografias existentes sobre a temática dos balseiros acabei por utilizar dois bancos de dados onde esses registros históricos estão a disposição, um deles o CEOM aqui em Chapecó e outro o Museu do Balseiro em Itá - SC, diante do acesso a essas matérias, faria uma análise do cotidiano nas balsas e da alimentação dos balseiros, uma vez que ambas sofrem alteração durante os dias que eles passam em cima das balsas do seu ponto inicial até o ponto de chegada, já que sofrem privação do seu conforto e intimidade, uma vez que dividem espaços abertos com outros trabalhadores.

3.1 O COTIDIANO NAS BALSAS

Falar de cotidiano é falar sobre a singularidade e individualidade de cada indivíduo, na questão dos balseiros, eles se viam durante a viagem todo o seu cotidiano alterado, uma vez que uma viagem que durava em média sete dias e como abordá Bellani (1991), onde se dividia um espaço com 5 à 10 homens que se dividem de forma ordenada em todas as tarefas que eram exigidas durante um percurso, entre as atividades eram as de remadores, cozinheiro e o condutor da balsa, sendo assim, o bom convívio entre os balseiros era crucial, sendo que nas

balsas os balseiros acabavam perdendo a sua singularidade de seu cotidiano, como Heller (2016) aponta:

“Para podermos reagir, temos que subsumir o singular, do modo mais rápido possível, sob alguma universalidade; temos de organizá-lo em nossa atividade cotidiana, no conjunto de nossa atividade vital; em suma, temos de resolver o problema. (...) Temos de situá-lo o mais rapidamente possível sob o ponto de vista da tarefa colocada.” (p. 54)

Como a Figura 07 aponta, podemos perceber que diante da perda de sua singularidade, do seu cotidiano fora do espaço das balsas, o balseiro sofre pela falta de estrutura encontrada na sua tarefa atual, existe uma perda daquilo que pode ser chamado de seu, já que existe um espaço compartilhado, onde o foco na viagem passa a ser crucial para o bom fluxo da viagem:

Figura 07 - Balsa com cabana no Rio Uruguai



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

A falta de privacidade afeta a viagem, e a falta de espaços para se guardar objetos para o mínimo de seu conforto, como a fotografia aponta, que existem únicos espaços para guardar seus pertences e muitas vezes são compartilhados com a cozinha da balsa, já que estamos falando de um contexto de rio, então a água deve ser um problema para se manter seco, como roupas, calçados e os seus pertences pessoais, como demonstra a Figura 08:

Figura 08 - Espaço compartilhado entre os balseiros na viagem



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

Diante dessas dificuldades, Heller (2016) vai comentar que o as necessidades humanas vai acompanhar o indivíduo através das necessidades do “Eu”, sendo assim, o espaço que é compartilhado passa ainda mais por uma dificuldade coletiva, então as suas necessidade do “Eu”, vem a acompanhar as necessidades da equipe, a dificuldade de se alimentar, as dificuldades de sono, dificuldades de higiene é uma dificuldade maior do que a dificuldade individual. Para isso “O ‘Eu’ tem fome, sente dores (físicas e psíquicas); no ‘Eu’ nascem os afetos e as paixões.”(p. 35).

Assim como podemos observar na imagem, onde existem as pessoas em cima das balsas, prontas para iniciar sua jornada, prontas para passar por dificuldades que serão compartilhadas com seus colegas, foge da individualidade e singularidade, pois eram enfrentar todas dificuldades em conjunto.

Para isso as fotografias que demonstram um número de pessoas em cima das balsas onde nem sempre são as pessoas que irão compartilhar desse cotidiano, fazem se necessária sua aparição naquele momento, pois assim, pode se marcar o seu ponto de vista, registro esse que fica para a história, sendo assim, uma forma de interferência na fotografia, onde se afeta toda sua composição, como Burke

(2001) comenta que a dificuldade em trabalhar a fotografia como fonte histórica está ligada ao fato da fotografia poder ser alterada ou retoca, induzindo assim uma ideia.

Como se percebe na Figura 05, onde existem pessoas felizes ao fazer pose para a foto, mas a questão que fica, são todos esses em cima da balsa que vão compartilhar do cotidiano da balsa? Vão passar as dificuldades? Aparentemente não.

Figura 09 - Balseiros posam para foto antes da viagem



Fonte: Acervo CEOM/Unochapecó

Por fim, é importante se debruçar na questão do fim da viagem, esperada pelos balseiros: a remuneração e o retorno ao seu cotidiano. Em conformidade com Bellani (1991), a atividade desempenhada pelos balseiros consistia principalmente na prestação de serviços de transporte. Essa forma de pagamento manteve-se predominante ao longo de todo o período em que a madeira era transportada para a Argentina por meio do sistema de balsas, na região oeste do Brasil. Os balseiros enfrentavam desafios e riscos diários para garantir que a madeira fosse entregue com segurança e eficiência. Todos os envolvidos eram remunerados ao fim da viagem, em dinheiro ou em mercadoria, havendo preferência pelo pagamento em dúzias de madeira transportada, no intuito de que os balseiros tivessem mais zelo pelo material em transporte (BELLANI, 1991).

Ainda conforme Bellani (1991), “o prático ganhava na faixa de Rs 500\$000 a Rs 700\$000 e os peões entre Rs 150\$000 a Rs 180\$000” (p. 246). Quanto ao pagamento em mercadoria, a variação das dúzias na remuneração dependia da época.

Embora a legislação brasileira tenha proporcionado certa segurança e proteção aos balseiros, eles não tiveram muitas oportunidades de se beneficiar plenamente de seu trabalho. Mesmo com seus esforços árduos e dedicação, o trabalho dos balseiros não foi adequadamente valorizado e recompensado. Eles muitas vezes se encontraram em condições precárias, com baixos salários e falta de benefícios sociais e trabalhistas.

3.2 A ALIMENTAÇÃO NAS BALSAS

O cotidiano das balsas vai passar por uma questão fundamental, a forma de se alimentar, como isso ocorria dentro das balsas, uma vez que estamos falando em um amontado de madeira que ia por dentro do rio. dentro da divisão dos balseiros existia uma função que era a de cozinheiro, sendo essa uma função que não parecia ser muito bem vinda, como a autora Woloszyn (2010), onde em uma entrevista concedida para ela onde o ex-balseiro Aloísio Lauxen, vai comentar que “Eu fui umas quantas vezes cozinheiro. Então, quando tinha uma defesa braba, eu ajudava a remar, se não eu ficava na cozinha. Pra mim, o pior trabalho era fazer comida, eu não gostava muito.”⁸

Alimentação dos balseiros era fornecida pelo patrão, e dentre os mantimentos que eram levados como traz Woloszyn (2010) “(...) feijão, arroz, farinha de milho, carne suína e frango, charque, pão, erva para o chimarrão, banha, água e aguardente.” (p. 165), alimentos esses que eram de fácil armazenamento e não necessitava tanta dificuldade na hora do preparo, uma vez que o fogão e utensílios não eram tão elaborados. No Museu do Balseiro de Itá há uma maquete com a “cozinha balseira”, que pode ser observada na Figura 10:

Figura 10 - Maquete da cozinha balseira

⁸ Entrevista concedida à autora em 01 out. 04. Acervo particular. Disponível em: BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950). **Revista Cadernos do Ceom**, v. 19, n. 23, p. 73-98, 2006.



Fonte: Acervo Pessoal

A alimentação era essencial nas viagens, contudo, às vezes era negligenciada devido às condições da balsa, em momentos de enchentes, por exemplo. Já com a balsa parada, a alimentação era melhor e mais regulada também. Durante a preparação das refeições, uma das pessoas da tripulação reservava um tempo para cozinhar, ou então eles designavam essa tarefa para aqueles que às vezes viajavam juntos por serem amigos ou conhecidos dos balseiros-práticos. Para improvisar utensílios de cozinha, eles utilizavam latas de óleo ou querosene como panelas. Cada pessoa geralmente trazia seus próprios talheres para usar durante as refeições. Essa prática de compartilhar a responsabilidade pela cozinha e utilizar materiais improvisados era comum entre os balseiros, adaptando-se às condições e recursos disponíveis durante as viagens.

Como já descrito, nas viagens, a cozinha funcionava um pouco diferente do que representa a maquete na Figura 10, por ser improvisada, ela dispunha de

inúmeras dificuldades, inclusive com a questão do fogo em cima da balsa e também com a conservação dos alimentos. A alimentação balseira pode ser experienciada no Museu do Balseiro de Itá/SC. Após a visita guiada do espaço, é servido um almoço com comidas típicas feitas pelos balseiros nas viagens, como mandioca, feijoada, carne de porco, salame, entre outras.

4. CONCLUSÃO

Por fim, pode-se dizer que é de suma importância compreender o contexto histórico e a construção da fotografia como documento. A fotografia não é um registro fiel à verdade histórica, mas é indissociável da relação entre documento e representação. A interpretação da fotografia é subjetiva e suscita múltiplas leituras. Portanto, é essencial entender a mensagem que a imagem quer transmitir, buscando compreender as transformações ocorridas no processo da madeira e a importância da alimentação durante as viagens dos balseiros. A colonização da região do Oeste de Santa Catarina foi impulsionada pela exploração da madeira, que se tornou um dos principais fatores econômicos da região. Com a chegada de imigrantes europeus, o governo brasileiro via a imigração como um elemento essencial para o progresso das novas nações. Com o fim da Guerra do Contestado, as companhias colonizadoras assumiram o papel de colonizar a região.

Desta forma, antes da chegada dos colonos europeus, a região já era habitada por povos indígenas, como os Kaingang e Xokleng, e caboclos. Infelizmente, essas comunidades indígenas foram expulsas de suas terras ou escravizadas pelos colonizadores. Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar a presença e a cultura desses povos na região antes e durante o processo de colonização. A economia madeireira teve um papel fundamental no desenvolvimento do Oeste Catarinense. A exploração da madeira se tornou uma atividade lucrativa, impulsionando o comércio e a criação de novas empresas na região. A derrubada das árvores exigia um trabalho braçal e árduo, utilizando-se de ferramentas rudimentares como serrotes e martelos. Com o tempo, a atividade madeireira foi se profissionalizando e modernizando, com a introdução de tecnologias como serrarias mecânicas e tratores para o transporte da madeira. A exploração da madeira teve um impacto significativo no meio ambiente, com a devastação de extensas áreas de mata nativa.

No entanto, a atividade também contribuiu para o surgimento de novos povoados e cidades na região, impulsionando o desenvolvimento econômico e social do Oeste Catarinense. Os balseiros desempenharam um papel fundamental no transporte de madeira e outros produtos ao longo do Rio Uruguai, na região oeste de Santa Catarina. Os balseiros enfrentavam desafios diários, como correntezas fortes e riscos de assaltos, para garantir a entrega segura e eficiente das mercadorias. A atividade dos balseiros era remunerada ao final da viagem,

geralmente em dinheiro ou em mercadorias, como dúzias de madeira transportada. Durante as viagens, o cotidiano dos balseiros era alterado, contudo, apesar das dificuldades, os balseiros desenvolveram um forte senso de camaradagem e criaram uma cultura própria, com músicas, danças e festas típicas. A atividade dos balseiros foi diminuindo ao longo do tempo, devido à concorrência de outros meios de transporte e à escassez de madeira disponível. No entanto, sua memória e legado ainda são lembrados e celebrados na região.

Outrossim, a pesquisa utiliza como uma das metodologias a análise de fotografias, que demanda a compreensão do contexto em que a fotografia foi produzida, as intenções por trás dela e as possíveis influências ideológicas, bem como uma abordagem sensível às múltiplas interpretações que cada receptor pode fazer. A fotografia, portanto, desempenha um papel importante na construção do conhecimento histórico, mas exige uma análise cuidadosa e contextualizada para evitar equívocos e distorções. Desta maneira, esse recurso foi utilizado para descrever melhor o cotidiano dos balseiros durante as viagens, principalmente no que diz respeito à alimentação.

Diante do recorte escolhido, pode-se perceber todas estas transformações citadas anteriormente, para assim conseguir concluir que o processo da madeira se dá não somente pelo empresário e sim que existe um sistema muito maior por trás e a alimentação que é fundamental para a sobrevivência também passa por transformações e está ligada como uma forma de se relacionar, trazer um pequeno conforto e alterar o cotidiano de uma longa viagem.

Enfim, a pesquisa em questão pretende contribuir como possibilidade de fonte para pesquisas futuras, uma vez que, que foi possível sim perceber através das fotografias, e de relatos orais a transformação do cotidiano desses trabalhadores, deixando para futuras pesquisas dúvidas sobre cotidiano, como por exemplo como dormiam, onde dormiam, questões de higiene, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLANI, Eli Maria et al. **Madeira, balsas e balseiros no Rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917/1950)**. 1991.

BELLANI, Eli Maria. Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950). **Revista Cadernos do Ceom**, v. 19, n. 23, p. 73-98, 2006.

BURKE, Peter. Como confiar em fotografias. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 04 fev. 2001.

CARNEIRO, Henrique Soares. **Estudos sobre alimentação: entre saberes da vida cotidiana e impasses agroindustriais**. Agrária (São Paulo. Online), n. 17, p. 93-103, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. Brasileira, 1967.

DALLA ZEN, Ana Maria; DA SILVA FONTANARI, Lilian Santos. O Museu do Balseiro de Itá como patrimônio cultural de Santa Catarina. **Em Questão**, v. 25, n. 3, p. 348-372, 2019.

DE OLIVEIRA, Benícia Couto. Desdobramentos da marcha para oeste na fronteira Brasil-Paraguai: colonizar era preciso. **HISTÓRIAS QUE (RE) CONTAM HISTÓRIA: ANÁLISE DO POVOAMENTO, COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA DO SUL DE MATO GROSSO DO SUL**, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Editora Paz e Terra, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7a ed. revista. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

LINO, Jaisson Teixeira. **O povoamento indígena no Sul do Brasil: as contribuições da arqueologia e da história**. História da Fronteira Sul. Letra & Vida, Porto Alegre, p. 92-108, 2015.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004

MONTANARI, Massimo; LIMA, Maria de Fátima Farias de. **Comida como cultura**. 2009.

MOREIRA, Precila Kátia. **Ecossistemas de vozes sobre o rio Uruguai**: a formação do sujeito balseiro na região oeste de Santa Catarina (1920-1960). 2019.

MORETTO, Samira Peruchi. Meio ambiente e sociedade: as transformações na paisagem do oeste catarinense, na segunda metade do século XX. **Hist. R.**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 107–120, mai./ago. 2017.

OLIVEIRA, Noeli Woloszyn Brum de. **Os trabalhadores do rio: balsas e balseiros do Alto Uruguai - 1930-1960**. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em História. Passo Fundo, RS: IFCH/UPF, 2006.

PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum**: memória e história em Psicologia, v. 8, p. 20-37, 2005.

POLLAN, Michael. **Cozinhar**: uma história natural da transformação. Editora Intrínseca, 2014.

POLLAN, Michael. **Em defesa da comida**. Editora Intrínseca, 2008.

RADIN, J. C.; CORAZZA, G. Balsas e balseiros. **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense**, p. 22–26, 2018.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. editora UNESP, 2010.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. 2010.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

VALENTINI, Delmir José. Tropeiros, ervateiros e balseiros: memoráveis personagens da história do sertão catarinense. **Ágora**. Revista de divulgação científica, UnC, v. 6, n. 1, 1999.

VICENZI, Renilda. Colonizadora Bertaso e a (des) ocupação no Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM** - Ano 19, n. 25. 2006.

WOLOSZYN, N. **Fazendo História Regional: Economia, espaço e sociedade.** Ed. Méritos: Passo Fundo, RS, 2010.